Clube de Revistas

A revista que valoriza a fotografia brasileira

Fotografe

FOTOGRAFEMELHOR.COM.BR | Nº 329 | ANO 27

RS 29,90 - BR

EDITORA EUROPA

Nova EOS R1: a mirrorless revolucionária da Canon

O ator e diretor Woody Allen retratado em Nova York, em 1986, por Claudio Edinger para a revista *Manchete*

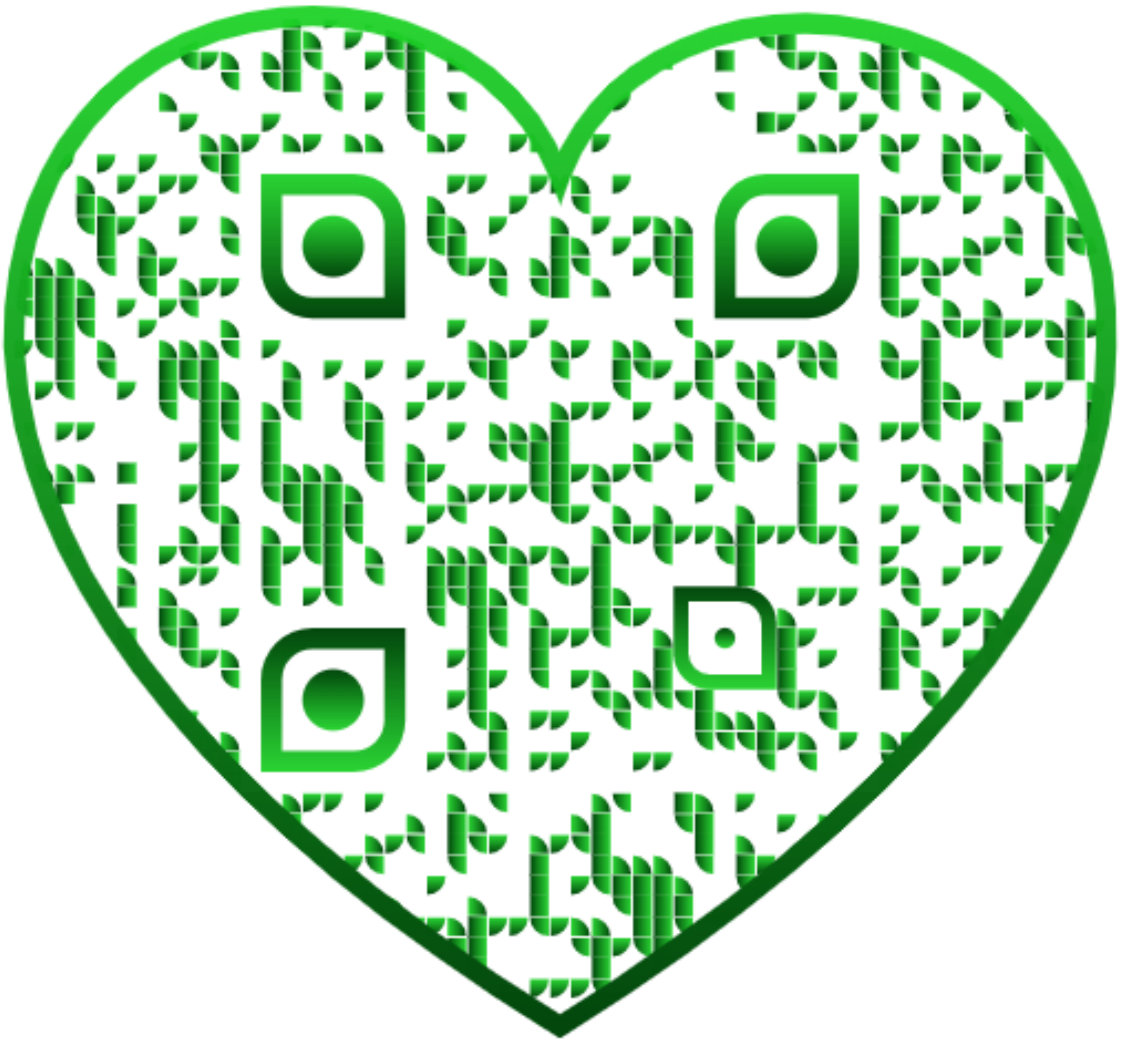
Sebastião Salgado fala sobre o começo da carreira em Portugal

Zé Paiva mapeia com imagens as belezas naturais da Ilha de Santa Catarina

Aula de

50 ANOS DE FOTOGRAFIA

O mestre Claudio Edinger mostra as coisas que viu e fotografou em um brilhante livro de sua trajetória



Clube de Revistas

O IMPORTANTE É SABER QUE VOCÊ TEM COM QUEM CONTAR.

Kertzmann

Seguros Gerais e Diferenciados

desde 1932

Pioneira no seguro de equipamentos fotográfico e cinematográfico.

Na **KERTZMANN SEGUROS** você encontra **AS MELHORES OPÇÕES DE SEGUROS** de automóveis, motos, residências, empresas, vida, responsabilidade civil, viagem e diversos ramos!

Câmeras • Filmadoras • Lentes • Flashes • Baterias • Cartões de Memória
Tripés • Notebooks • Smartphones • Drones • Gravadores Digitais
Microfones • Monitores • Trilhos • Estabilizadores • Filtros

KERTZMANN seguros

(11) 3259-2244 • www.kertzmann.com.br • @kertzmannseguros
equipamentos@kertzmann.com.br • kertzmann@kertzmann.com.br

EDITORIAL

Claudio Edinger

Ano 27
Edição 329

Imagem de capa:
Claudio Edinger

Conheci Claudio Edinger alguns meses depois de assumir a edição de **Fotografe**, lá se vão 23 anos... Desde essa época, a admiração pelo trabalho desse brilhante fotógrafo – a quem chamo carinhosamente de Lorde Claudio por causa de seus fartos bigodes – só cresceu. Ao folhear, ver e ler seu novo livro, *Coisas Que Eu Vi*, tive a certeza de que essa admiração ganhou um volume ainda maior. Ali estão resumidos 50 anos de uma carreira bem vivida, repleta de histórias saborosas em textos bem escritos, daqueles que prendem sua atenção desde a primeira linha, pois é a vida de um fotógrafo brasileiro que se aventurou na Nova York dos anos 1970 e por lá ficou quase até a chegada do novo milênio produzindo imagens de altíssimo nível. Às vezes sinto que alguns fotógrafos, que não são comparáveis a Claudio Edinger em técnica, qualidade, criatividade e vivência na profissão, são mais valorizados do que ele. E isso me revolta. Convido você a admirar *Coisas Que Eu Vi* e mergulhar no olhar desse ser humano complexo que resolveu ser fotógrafo depois de terminar a faculdade de Economia. Confira também a entrevista com Sebastião Salgado, que fala do seu começo de carreira cobrindo a Revolução dos Cravos, em Portugal. Vale a pena. Boa leitura.

Juan Esteves

Sérgio Branco
Diretor de Redação
branco@europanet.com.br

Fotografe

EQUIPE DE REDAÇÃO
Izabel Donaire (editora de arte),
Luiz Siqueira (diretor executivo),
Roberto Araújo (diretor editorial)
e Sérgio Branco (diretor de redação)

FALE CONOSCO
fotografe@europanet.com.br
www.fotografemelhor.com.br
@fotografemelhor

PARA ANUNCIAR
publicidade@europanet.com.br
Angela Taddeo, Mauricio Dias, Elisangela Xavier e Ligia Caetano

A **revista Fotografe Melhor** é uma publicação da **Editora Europa** Ltda. (ISSN 1413-7232).
A **Editora Europa** não se responsabiliza pelo conteúdo dos anúncios de terceiros.

PARA ASSINAR E COMPRAR REVISTAS, LIVROS, COLEÇÕES E ENCICLOPÉDIAS
(11) 3038-5050 (SP)
(11) 95186-4134
www.europanet.com.br
atendimento@europanet.com.br

Fundada por Aydano Roriz
Publicando livros e revistas desde 1986

SEDE: Rua Alvarenga, 1.416
São Paulo – SP – CEP: 05509-003

SUMÁRIO

GRANDE ANGULAR 4
CONCURSOS&PRÊMIOS 8
JOSEF KOUDELKA 12
SEBASTIÃO SALGADO 16
A ILHA DE ZÉ PAIVA 24
MATÉRIA DE CAPA
Aula de 50 anos de fotografia **30**
TECNOLOGIA 44
EQUIPAMENTO 46

FOTOGRAFE TAMBÉM ESTÁ NAS PLATAFORMAS DIGITAIS:
• EuroClube • Amazon Prime • Tim Banca • Claro Banca • Bancah
• Oi Revistas • UOL Banca • Clube de Revistas • Revistarias • Magzter
• Ubook • Bookplay • PressReader • Zinio • Bebanca

Clube de Revistas

Laurent Ballesta

O fotógrafo francês Laurent Ballesta recebeu pela segunda vez o Grande Prêmio do concurso com a imagem de caranguejo-ferradura seguido por três peixes dourados

UMA EXPOSIÇÃO INÉDITA NA AMÉRICA LATINA

Fotos premiadas do Wildlife Photographer of the Year poderá ser vista em São Paulo (SP) até agosto de 2024

Pela primeira vez, a América Latina abrigará a exposição das fotografias vencedoras do concurso Wildlife Photographer of the Year – Fotógrafo do Ano da Vida Selvagem, promovido pelo Museu de História Natural de Londres. Em cartaz até 25 de agosto de 2024, a mostra ocupará a Galeria Marta Traba do Memorial da América Latina, um dos principais centros culturais da cidade de São Paulo, graças ao esforço conjunto entre a Unesp (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), IQC (Instituto Questão de Ciência), FEU (Fundação Editora da Unesp) e Memorial da América Latina.

Criado em 1965, o concurso é um dos mais prestigiado eventos de fotografia global e o mais tradicional voltado à natureza e vida selvagem, com imagens que capturam o fascinante comportamento animal, espécies espetaculares e a impressionante diversidade do mundo natural. Além de despertar a curiosidade sobre o planeta e destacar a fragilidade da vida selvagem, o concurso utiliza o poder emotivo da fotografia para inspirar as

Mike Korostelev

O russo Mike Korostelev foi o ganhador na categoria Embaixo d´Água com a foto de uma mamãe hipopótamo e seus dois filhotes

Amit Eshel

A batalha entre dois ibex-da-núbia machos durou 15 minutos e deu ao israelense Amit Eshel o prêmio de melhor foto na categoria Animais em seu Ambiente

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!

Para captar as luzes de vaga-lumes na floresta, o indiano Sriram Murali combinou 50 exposições de 19s produzidas durante 50 minutos

pessoas a pensarem de forma diferente sobre sua relação com o meio ambiente.

Na edição de 2023, cujas fotos será exibidas em São Paulo, a competição atraiu de 49.957 inscrições de fotógrafos de diversas idades e níveis de experiência de 95 países. Durante uma semana intensa no Museu de História Natural de Londres, as imagens inscritas foram avaliadas anonimamente em sua criatividade, originalidade e excelência técnica por uma comissão julgadora internacional de especialistas da área.

A imagem vencedora do Grande Prêmio em 2023, intitulada "The Golden Horseshoe", do francês Laurent Ballesta, mostra um caranguejo-ferradura acompanhado por um trio de peixes dourados, nas águas protegidas da ilha de Pangatalan, nas Filipinas. É a segunda vez em três anos que Ballesta leva o Grande Prêmio. Na fotografia, a carapaça dourada do artrópode, uma espécie antiga altamente ameaçada, deslizando pelas águas escuras parece uma nave extraterrestre, o que surpreendeu os jurados.

Outros destaques das 19 categorias são as imagens "A Vida no Limite", de autoria do israelense Amit Eshel, vencedora da categoria Animais em seu Ambiente, que testemunha o confronto dramático no penhasco entre dois íbex-da-núbia; "Berçário de Hipopótomo", do russo Mike Korostelev, vencedora da categoria Embaixo d´Água, que revela um hipopótomo e seus dois filhotes descansando nas águas cristalinas de um lago raso; e "Luzes Fantásticas", do indiano Sriram Murali, cencedora da categoria Comportamento: Invertebrados, que fez várias longas exposições de vaga-lumes na Reserva de Tigres de Anamalai, na Índia.

FOTÓGRAFA PROCESSA O GOOGLE POR CAUSA DE IA

Jingna Zhang quer indenização por ter imagens suas usadas para treinamento de plataforma generativa

A fotógrafa sino-americana Jingna Zhang abriu um processo contra o Google junto com outros três artistas que acusam o gigante das buscas na internet de usar seu trabalho protegido por direitos autorais no treinamento de seu modelo gerador de imagens de IA, que ironicamente se chama Imagen. O caso Zhang x Google LLC será julgado pelo Tribunal Distrital dos EUA para o Distrito Norte da Califórnia. O cerne da questão é estabelecer se as empresas de tecnologia de IA estão autorizadas a usar obras protegidas por direitos autorais feitas por humanos para construir modelos generativos de IA.

Zhang e os cartunistas Sarah Andersen, Hope Larson e Jessica Fink acusam o Google de usar indevidamente bilhões de imagens protegidas por direitos autorais, incluindo as suas próprias, para ensinar a plataforma Imagen a criar imagens a partir de instruções de texto. Zhang e Andersen também estão envolvidos em processo semelhantes contra outras duas conhecidas plataformas de IA: Midjourney e Stability. "Nossos modelos de IA são treinados principalmente em informações disponíveis publicamente na Internet", disse o porta-voz do Google, Jose Castaneda. "A lei americana há muito apoia o uso de informações públicas de maneiras novas e benéficas, e iremos refutar essas reivindicações em tribunal", completou ele.

Em lançamentos subsequentes do Imagen, o Google não mencionou explicitamente o nome do conjunto de dados LAION, o que os demandantes argumentam ter sido feito "para evitar ser nomeado réu em uma ação judicial sobre a legalidade do treinamento em grandes quantidades de obras protegidas por direitos autorais sem consentimento, crédito ou compensação." Os artistas solicitaram ao tribunal uma quantia não especificada de indenização monetária e uma ordem que obriga o Google a destruir as cópias de seus trabalhos.

Evgenyrychko/Shutterstock

RYO Alexandre/Shutterstock

Cada vez mais profissionais de produção de imagens têm procurado seus direitos autorais nos tribunais diante de abusos; o Google criou a plataforma Imagen e alega que usa somente o que está disponível publicamente na internet para treinamento de sua IA generativa

Dieter Damschen

A foto "Inundação de inverno em mata ciliar" deu a Dieter Damschen o título de Fotógrafo do Ano no concurso GNT; abaixo, a imagem "Surfe do outro lado", feita por Levi Fitze, que foi o ganhador da categoria Aves

Levi Fitze

OS MELHORES DA GDT

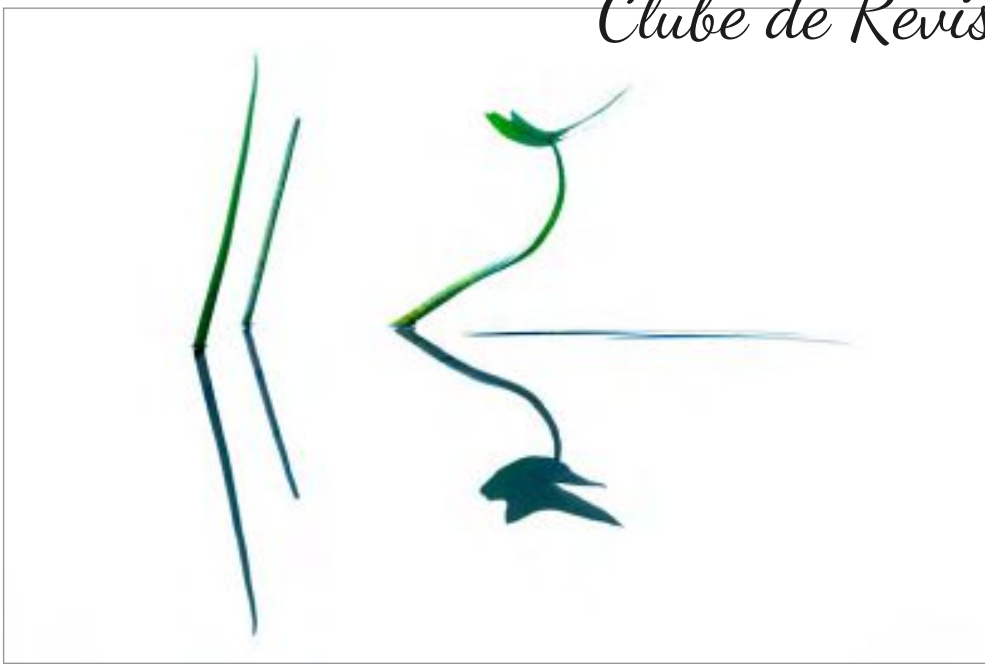
Confira os vencedores do tradicional concurso alemão de imagens de natureza

A Sociedade Alemã de Fotografia de Natureza (GDT) anunciou o vencedor do prestigiado concurso GDT Nature Photographer of the Year: Dieter Damschen pela foto Inundação de inverno em uma mata ciliar . "O inverno é minha época favorita do ano e um dos meus motivos favoritos é a paisagem do Rio Elba, reserva da biosfera da Unesco", explica Damschen. Embora o fotógrafo alemão tenha passado muito tempo nessa floresta e capturado muitas imagens ao longo dos anos, ele diz que fica "regularmente surpreso" com o quão diferente o local pode parecer em diversas condições.

A foto premiada de Damschen foi selecionada entre pouco menos de 8.000 imagens enviadas por membros da GDT de 13 países. Juntamente com o vencedor geral, o júri também escolheu vencedores em sete categorias: Aves, Mamíferos, Outros Animais, Plantas e Fungos, Paisagens, Estúdio da Natureza e a categoria especial de 2024, Paisagens Fluviais da Alemanha – que Damschen venceu. Conheça outros vencedores de categoria para ver todos os premiados, acesse **www.gdtfoto.de**.

Scott Portelli

O fotógrafo Scott Portelli, com imagem "Bubblenet" (feita com drone), ficou em primeiro lugar na categoria Mamíferos



Heike Odermatt

Na categoria Plantas e Fungos, a foto "Arrowhead", de Heike Odermatt, foi a vencedora do concurso GNT

Felix Wesche

Felix Wesche ficou rm primeiro lugar na categoria Paisagens com a foto "Bétulas no outono"

Gerald Haas

"Thread-winged", feita por Gerald Haas, foi a imagem a vencedora da categoria Outros Animais

Marte Engelbrecht

"Flag Tree", da fotógrafa Marte Engelbrecht, foi a foto ganhadora da categoria Estúdio Natural

Cena captada em Portugal, em 1976, para a série *Exílios*

IMS PAULISTA EXPÕE OBRA DO MESTRE JOSEF KOUDELKA

Mostra em São Paulo (SP) vai até setembro de 2024 e reúne grandes trabalhos do fotógrafo tcheco

O tcheco Josef Koudelka, um dos grandes representantes da tradição humanista e poética que dominou a fotografia europeia na segunda metade do século 20, terá três de seus mais icônicos trabalhos exibidos pelo IMS (Instituto Moreira Salles) da Avenida Paulista, em São Paulo (SP). A exposição *Koudelka: Ciganos*, *Praga 1968*, *Exílios* estará em cartaz até 15 de setembro de 2024. Tem curadoria do próprio artista e organização de Samuel Titan Jr. e Miguel Del Castillo, apresentando na íntegra as séries Ciganos (com 111 fotografias) e Exílios (74 obras).

Ambas tiveram suas tiragens produzidas nas décadas de 1980 e 1990, com supervisão do fotógrafo, e pertencem à Coleção Josef Koudelka no Museu de Artes Decorativas de Praga, na República Tcheca. Também poderão ser vistas 11 imagens da invasão de Praga, então capital da Tchecoslováquia, pelas tropas do Pacto de Varsóvia, em 1968 – evento que interrompeu abruptamente o período celebrado como "Primavera de Praga".

Ciganos foi a primeira série que Koudelka dedicou a um único tema. Ele trabalhava como engenheiro aeronáutico e colaborava

© Josef Koudelka/Magnum Photos

Duas imagens da celebrada série *Ciganos*: acima, cena captada na Romênia, em 1968; abaixo, registro feito em um festival de música em Strážnice, Tchecoslováquia, em 1966

Imagem registrada em Granada, Andaluzia, Espanha, em 1971,para a série *Exílios*; abaixo, cena da resistência à invasão de Praga, então Tchecoslováquia, pelas forças do Pacto de Varsóvia, em 1968

como fotógrafo para o "Divadlo za branou" (Teatro Além do Portão), registrando ensaios e espetáculos, quando se interessou pelos ciganos. Suas fotografias foram feitas entre 1962 e 1970, a maioria em acampamentos ciganos no leste da Eslováquia, mas também na Boêmia, na Morávia (região onde nasceu, na cidade de Boskovice, em 1938) e na Romênia. Nesses trabalhos, sua intenção não era criar um relato preciso e objetivo da vida dos ciganos na Europa Central da época, e sim registrar sua visão pessoal, em poderosas histórias contadas por intermédio de imagens.

Já as imagens de *Exílios* começaram a ser produzidas a partir de 1970. Nesse ano Josef Koudelka saiu da Tchecoslováquia, motivado pelas condições políticas em seu país. Para poder viajar e fotografar, vivia modestamente. Em suas viagens constantes – por Espanha, França, Portugal, Itália, Irlanda e Grã-Bretanha –, retratou o povo romani, as

© Josef Koudelka/Magnum Photos

Momento na Praça Venceslau, em Praga, então Tchecoslováquia, em 1968

celebrações religiosas, as festas populares tradicionais e a vida cotidiana. São fotos que dão pleno testemunho da alienação e da busca pela identidade de uma vida europeia em vias de desaparecer. Registrou também espaços desabitados, animais perdidos em áreas densamente construídas, paisagens e naturezas-mortas.

No caso das imagens da invasão soviética, elas ocorreram por impulso, já que Koudelka nunca havia trabalhado antes como fotojornalista. Porém, foi a campo documentar o que se passava nas ruas de Praga tão logo soube, na manhã de 21 de agosto de 1968, da invasão da Tchecoslováquia por exércitos do Pacto de Varsóvia. Ao longo de sete dias dramáticos, criou uma série espetacular, considerada por muitos um dos mais importantes trabalhos de fotojornalismo do século 20. Para além da tragédia nacional, as imagens feitas naquela ocasião se tornaram simbólicas de toda opressão militar e da luta por liberdade.

Contrabandeadas para fora da Tchecoslováquia, as fotos chegaram à agência Magnum, nos Estados Unidos, fundada por, entre outros, Henri Cartier-Bresson. O colega francês diria, sobre o trabalho de Koudelka, ser "um esplendor de sensibilidade, força e honestidade". No primeiro aniversário da invasão e sem o conhecimento do autor, elas foram publicadas em jornais e revistas de várias partes do mundo.

Para proteger o fotógrafo e sua família, a Magnum creditou as fotografias apenas com as letras P.P. (Prague Photographer, "fotógrafo de Praga"). Ainda em 1968, o Overseas Press Club dos Estados Unidos agraciou o "fotógrafo tcheco anônimo" com a prestigiosa Medalha de Ouro Robert Capa. Kouldelka só foi admitir publicamente que tinha sido ele o autor das fotos da invasão quando houve sua primeira grande exposição, em 1984, na Hayward Gallery, em Londres. Isso, contudo, somente depois da morte de seu pai, quando a informação já não colocava sua família em perigo. Na Tchecoslováquia, essas fotos só foram publicadas 22 anos depois da invasão, em 1990, num suplemento especial do semanário *Respekt*.

O PRIMEIRO PASSO EM PORTUGAL

Saiba por que a Revolução dos Cravos foi o batismo de Sebastião Salgado na fotografia

POR **SÉRGIO BRANCO**

Há pouco tempo, em abril de 2024, Sebastião Salgado descobriu que teve uma fratura na coluna cervical em 1975 que poderia tê-lo deixado paraplégico e, assim, a sua sólida carreira de meio século na fotografia dificilmente teria ocorrido. Graças a uma "sorte imensa", como define, ele pode prosseguir e se tornar um dos mais celebrados fotógrafos de todos os tempos, autor de livros elogiadíssimos e de exposições concorridas em várias partes dom mundo. Uma dessas exposições – *50 Anos da Revolução dos Cravos em Portugal* – pode ser vista no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo (SP), até 30 de junho de 2024, e tem tudo a ver com o início da carreira de Salgado e com o incidente que quase o colocou numa cadeira de rodas.

O fato que provocou a fratura na coluna foi durante a cobertura da luta travada entre o exército de Portugal e guerrilheiros de Moçambique – que buscava sua independência dos colonizadores. Salgado se deslocava a bordo de um caminhão militar pela região norte de Moçambique com o exército português, que estava sendo atacado por soldados da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). O veículo passou por cima de uma mina antitanque, que explodiu. "O chofer foi pulverizado e o oficial português que estava do lado dele perdeu as duas pernas. Eu estava atrás e fui projetado para fora. No tombo, senti uma dor forte na minha cervical", conta Salgado. Ele seguiu trabalhando como fotógrafo da agência Sygma e quando voltou para Paris, onde morava, consultou um médico que lhe informou que havia um problema com a cervical, sem citar fratura, mas disse que como ele era jovem iria se adaptar àquilo.

Na estada em São Paulo (SP), em abril, Salgado teve fortes dores na cervical e decidiu procurar ajuda. "Fui a um especialista, dr. Abdala, que pediu uma radiografia e uma ressonância magnética", comenta. Ao voltar com os exames, o médico informou se tratar de fratura na coluna e mostrou uma vértebra quebrada. Segundo o fotógrafo, o médico explicou que a fratura era vértebra na parte frontal da coluna vertebral, se tivesse sido na parte traseira, a partir daquele momento ele estaria numa cadeira de rodas.

E tudo converge para Portugal, onde Sebastião Salgado diz, de maneira enfática, que aprendeu a construir histórias na fotografia ao realizar seu primeiro trabalho importante como fotojornalista: acompanhar, com a Revolução dos Cravos, o momento de redemocratização daquele país e o que isso significou para a independência das ex-colônias portuguesas na África. Na época, ele e Lélia Wanick Salgado, com quem é casado há 57 anos, estavam exilados em Paris, já que, por militarem num grupo de esquerda no Brasil corriam o risco de serem presos e torturados pela ditadura militar

Sebastião Salgado

Crianças na cidade do Porto, em 1975, em manifestaçãoque celebrava o fim da ditadura salazarista em Portugal, que durou 41 anos

Fotos: Sebastião Salgado

Soldados do exército português conferem em um jornal de esquerda as notícias dos rumos políticos do país em 1975, após a Revolução dos Cravos, ocorrida em 25 de abril de 1974

– como já havia ocorrido com amigos seus. "Aquele momento da Revolução dos Cravos foi muito especial para nós. O Brasil vivia um regime feroz com o general Garrastazu Médici enquanto Portugal encerrava a ditadura salazarista de 40 anos", comenta o fotógrafo.

Salgado e Lélia não tiverem dúvida quando viram fotos da queda do salazarismo nos jornais franceses: tinham que viver aquela história em Portugal, ele com 30 anos, ela com 27. Juliano, filho mais velho do casal, era um bebê, mas nem isso os impediu de rodar 2.500 km de Paris a Lisboa com um Renault 4, arrumar um quarto numa pensão e deixar Juliano em uma creche enquanto fotografavam – na época, Lélia também era fotógrafa.

O casal se recorda que o mundo se voltava para Portugal, muitos representantes de partidos e movimentos de esquerda estavam lá. "Aquilo para nós foi uma aventura colossal. Primeiro, uma aventura política, pois nós participamos do momento. Um país acordando depois de um sonho profundo de mais de 40 anos. Para mim, foi o início da minha carreira de fotógrafo profissional, onde eu aprendi a contar uma história com começo, meio e fim", afirma o fotógrafo mineiro.

Como se desse uma breve aula de história, Sebastião Salgado explica que a Revolução dos Cravos foi um golpe de estado dado pelas Forças Armadas portuguesas, a maioria capitães do exército, que acabou com o Estado Novo, regime que durou de 1933 a 1974, quase todo comandado pelo ditador António Salazar (1889-1970) – ganhou esse nome graças à funcionária pública Celeste Martins Caeiro, que no dia 25 de abril de 1974 distribuiu cravos vermelhos para os militares que derrubaram o governo de Marcello Caetano. "Portugal tinha se esgotado. Lisboa, naquela época, era a primeira cidade portuguesa em número de habitantes. A segunda era Paris, pois os jovens fugiam para não ir para às guerras coloniais em Angola e Moçambique. O país estava esvaziado de sua juventude. Portugal era o último país colonialista do mundo", diz Salgado.

Na primeira viagem Portugal, dias depois

Cenas captadas por Salgado em 1975 no Alentejo, em Portugal: acima, figuras do comunismo pintadas em Aljustrel; ao lado, uma comemoração em Rio Maior

do histórico 25 de abril, Salgado e Lélia ficaram alguns meses por lá. O fotógrafo publicou fotos em alguns jornais franceses e, a partir daí, foi convidado a colaborar com uma agência de fotografia, a Sygma. Depois, numa segunda viagem, já contratado pela Sygma, ele também foi para Moçambique e Angola para cobrir as guerras que decretariam o fim da colonização.

Para Lélia, viver aquele momento de transição de Portugal para a democracia foi maravilhoso. Ela conta que era a única fotógrafa a ter permissão para entrar com o carro no Palácio de Belém, sede do governo provisório constituído pela Junta de Salvação Nacional – grupo de militares que assumiu o comando do país. A razão era Juliano, que ficava no carro enquanto os pais trabalhavam. Ela pedia para que os paraquedistas do exército, que faziam a segurança do local, a avisassem caso o bebê chorasse. Até que um dia, no meio de uma entrevista, um soldado a procurou alarmado: "Minha senhora, o bebê está a chorar!". Ela

Sebastião Salgado

Acima, grupo de uma cooperativa agrícola em Alcácer do Sal, no Alentejo, em 1975; abaixo, Sebastião Salgado no dia da abertura da exposição no MIS, em São Paulo (SP)

Sérgio Branco

saiu apressada e encontrou Juliano no colo de um paraquedista, que tentava acalmá-lo sem sucesso. "Só em Portugal isso é possível. Por isso é muito importante voltar a ver essas fotos, editar esse material, organizar e contar a história que vivemos", diz ela, emocionada.

Sebastião Salgado informa que na volta a Portugal, em 1975, foi escalado pela agência Sygma para fazer um trabalho noturno e tinha que usar flash e filme colorido. Mas ele não sabia manipular um flash, nunca tinha usado. Foi até uma loja de equipamentos fotográficos em Lisboa e comprou o acessório. Ele e Lélia leram o manual com muita atenção, depois Salgado fez testes e aprendeu a ajustar o flash no modo manual. "Fiz as fotos e consegui uma capa na revista americana *Newsweek*. Foi uma coisa fantástica essa passagem por Portugal. Além de aprender a criar histórias, consegui aperfeiçoar meu lado técnico", lembra o fotógrafo.

Depois, conversando com um amigo, descobriu que o flash que comprou, um Metz 404, já era automático e que não precisava daquele esforço todo para fotografar no modo manual. "As revistas dos anos 70 e 80 não publicavam P&B, só cor. Elas eram rodadas em impressoras off set preparadas para rodar páginas de publicidade, que eram coloridas. Então, mesmo sendo um fotógrafo de P&B, eu era obrigado a trabalhar com cor. Fiz uma quantidade de encomendas em cor e tinha que usar flash", recorda.

Sebastião Salgado conta que nesse período Lélia preparou para ele dois flashes Vivitar, um 283 e um 284, nos quais eram montadas pequenas sombrinhas que ele desdobrava para rebater a luz. Havia um fiozinho que desligava a sombrinha e, dependendo do personagem, ele

Sérgio Branco

Sebastião Salgado

Acima, o fotógrafo e Lélia Wanick Salgado no auditório do MIS em entrevista coletiva com a imprensa; ao lado, cena da guerra colonial registrada em Moçambique em 1975

distribuía a luz melhor ou não. "Uma vez, fiz uma história sobre os jesuítas em Roma. Os padres que gostava, os mais progressistas, fotografa certinho, com muita luz. Os mais reacionários, fotografa como bichos, com mais sombras", relata Salgado.

Algo que ele não sabe fazer e nem pretende aprender é trabalhar com flash de estúdio. No seu mais recente trabalho, Amazônia, diz que levou uma grande estrutura de um estúdio para a floresta. Montava sets sob as árvores amazônicas com 6 metros de largura por 9 metros de comprimento. "Podia receber 20 indígenas naquele estúdio, mas tudo com luz natural. Usava a luz filtrada das árvores. E quem olha as fotos acha que eu trabalhei com o melhor flash do mundo, mas não é nada disso", afirma.

NA ATIVA E COM DRONE

Com humildade, compara as fotos do trabalho na Revolução dos Cravos com as do documentário Amazônia e vê muitas diferenças. "Hoje minha fotografia é totalmente estruturada, em composição e técnica. Das fotos da época de Portugal, há algumas que eu gosto muito, mas tenho que admitir que o início de um fotógrafo, é o começo da minha carreira", analisa.

Para quem achava que ele se aposentaria por ter chegado ao 80 anos, Salgado esclarece que só parou de fazer documentários de longo prazo, trabalhos duravam em média de 6 a 8 anos. "Estou com 80 anos, a gente morre entre 80 e 90 anos, não vou começar o que posso não terminar", diz, com bom-humor. Enfatiza que não parou fotografar e que, inclusive, descobriu nesse momento da vida "uma coisa maravilhosa para fotografia que são os drones". Conta que em dezembro de 2023, passou 15 dias só fotografando com drone e adorou. "Acho que trabalhar com drone é parecido com trabalhar com tripé. Você fixa a fotografia e vai no ponto escolhido. É um negócio fantástico!", diz. Para ele, nenhum fotógrafo não se aposenta. "Isso é que nem bicicleta, se a gente parar de pedalar a gente cai. Vou continuar pedalando, mas não dá mais para fazer história de longo prazo", admite – e aquela dor na cervical, do incidente lá de Moçambique, é uma das razões de se cuidar mais daqui para frente.

Assim Sebastião Salgado, que poderia ter ficado paraplégico em 1975, continuará a produzir suas imagens "profundamente subjetivas", como define. Para ele, a fotografia não conta nenhuma verdade, apenas mostra a interpretação do fotógrafo. "Da realidade que está acontecendo, a minha fotografia vai exprimir alguma coisa, mas sempre segundo o meu ponto de vista", ensina o mestre.

Clube de Revistas

NOSSO PARA
ESTE ANO VA
SA

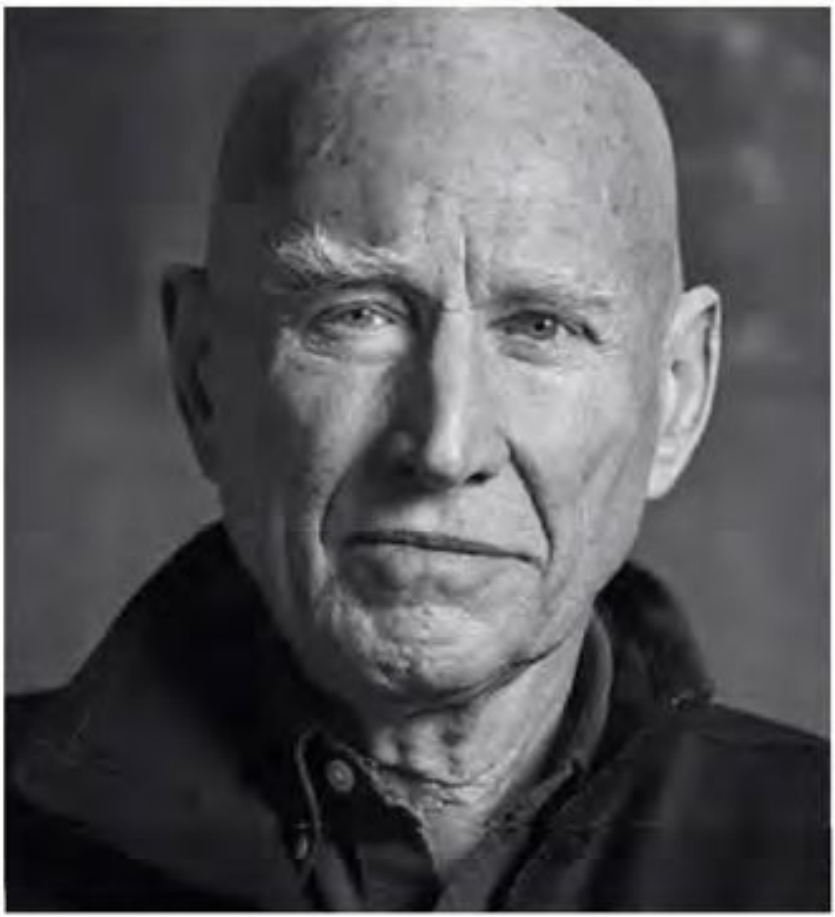


Foto: Renato Amorim

Um nome de peso para uma data especial: Sebastião Salgado, um dos fotógrafos mais importantes da História, estará em Paraty para a celebração dos 20 anos do nosso Festival. Imperdível!

APOIO

PARATY
PREFEITURA
SECRETARIA DE TURISMO

PARCERIAS

Fotógrafe

IMS

TY EM FOCO
I SER MUITO
ALGADO

DE 11 A 15 DE SETEMBRO 2024

UM EVENTO PARA TODOS OS OLHARES

www.pefparatyemfoco.com.br

NO OLHAR.TV | Sesc CNC Senac | Livraria das Marés | Pousada Literária de Paraty | REALIZAÇÃO Galeria Zoom de Fotografia de Paraty | Evento Fiscado Rede

Fotos: Zé Paiva

ZÉ PAIVA LANÇA O LIVRO "EXPEDIÇÃO NATUREZA DA ILHA"

O fotógrafo gaúcho radicado em Florianópolis documenta a Ilha de Santa Catarina preocupado com a preservação do meio ambiente

Gaúcho de Porto Alegre (RS) que se estabeleceu em Florianópolis (SC) em 1985, Zé Paiva, 62 anos, é um fotógrafo de muito talento que tem se dedicado nos últimos anos últimos anos a produzir livros dentro de uma série intitulada "Expedição Natureza". Ele lançou recentemente o quarto volume: "Expedição Natureza da Ilha" com 144 páginas dedicadas à Ilha de Santa Catarina, cenário para a construção de uma história permeada por águas doces e salgadas, Mata Atlântica, uma variedade de flora e de fauna – sem esquecer das ações humanas e suas consequências no meio ambiente.

A união entre conhecimento, ciência e arte, base no naturalismo (movimento artístico dos séculos 18 e 19), serviu de inspiração para Zé Paiva na confecção do quarto livro da série – os naturalistas pregavam a objetividade, a impessoalidade e a retratação da realidade da maneira mais fiel possível. O próprio Zé Paiva fez a curadoria das imagens, pinçando pouco mais de 100 fotografias de um acervo de 11.750 imagens realizadas em expedições nas 16 Unidades de Conservação em Florianópolis, sendo duas federais, duas estaduais e 12 municipais.

Acima, o amanhecer na Barra da Lagoa, uma das muitas praias de Florianópolis, que fica na Ilha de Santa Catarina

Figueira-da-folha-míuda, árvore que é considerada um Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri

Vista aérea de restinga sobre cordão de dunas e lagoas no Parque Natural Municipal das Dunas da Lagoa da Conceição

Foram sete meses percorrendo 220 km por trilhas com mochilas pesadas, 60 k remando uma canoa canadense e mais de 1.800 km de carro para registrar os mais diversos recantos da ilha, acompanhado pelo seu guia de campo, Rodrigo Dalmolin, e sua assistente de fotografia, Mariana Colin. Também esteve presente nas trilhas a geógrafa Talita Laura Goés enquanto a ornitóloga Lenir Alda do Rosário identificou muitas espécies de pássaros – com a colaboração de Ricardo Wagner Binfaré.

"A natureza é surpreendente se você tiver olhos para enxergar as sutilezas que nos espreitam. Subi e desci morros para encontrar canelas seculares, uma figueira de duas pernas, um jardim de orquídeas... A natureza é generosa e acolhe, mas nem todos cuidam da nossa grande mãe", afirma Zé Paiva. O fotógrafo espera que o livro ajude a "sacudir as velhas ideias". Segundo ele, a pandemia mostrou por um breve espaço de tempo que isso é possível. "As pessoas deixaram os carros em casa, a poluição diminuiu, os animais invadiram as cidades, a natureza respirou aliviada por alguns instantes", comenta.

Zé Paiva lembra que a Ilha de Santa Catarina, que abriga Florianópolis, é muito mais que praia e, para além de tirar proveito turístico desse cartão-postal, também é preciso conscientizar as pessoas sobre a importância da natureza para o planeta, e as Unidades de Conservação têm um papel essencial para essa finalidade. O livro, diz ele, poderia ser uma homenagem à ilha que o acolheu ou um manifesto sobre a forma como o espaço é ocupado, destruindo a natureza. Poderia também ser um poema

Fotos: Zé Paiva

Acima, raízes de manguezal na Pontal da Daniela, na Estação Ecológica de Carijós; abaixo, garça-branca-grande na foz do Rio Tavares, na Reserva Extrativista de Pirajubaé

Acima, um macaco-prego no Refúgio de Vida Silvestre Meiembipe e a capa do livro de Zé Paiva; ao lado, uma bromélia ananás-de-cerca, no Parque Natural Municipal da Lagoinha Leste

sobre a delicadeza da natureza essencial à vida, que permeia todo o planeta. "Talvez seja tudo isso ao mesmo tempo ou talvez seja apenas um grito de alerta", pontua.

Mil exemplares do livro serão distribuídos para escolas, núcleos de educação, universidades, bibliotecas, incentivadores, participantes e para o público em geral. Além dessas ações, no hotsite www.expedicaonaturezadailha.com é possível baixar o livro gratuitamente. O projeto é patrocinado pela Prefeitura de Florianópolis, Secretaria Turismo, Cultura e Esporte e Fundação Cultural Franklin Cascaes por meio da lei municipal de incentivo à cultura.

DA ENGENHARIA À FOTOGRAFIA

Nascido em agosto de 1961, Zé Paiva é fotógrafo profissional desde 1984. Estudou Engenharia Mecânica em Porto Alegre (RS), onde nasceu e, depois de se formar, fez uma longa viagem de mochila nas costas pela Europa e norte da África, em 1983. Na volta, decidido a não ser engenheiro, acabou como estagiário na sucursal do jornal *O Globo*, na capital gaúcha. Lá aprendeu a trabalhar com laboratório P&B e depois virou fotógrafo, tendo trabalhado algum tempo no jornal *Zero Hora*. Em 1985, foi morar em Florianópolis (SC) para fazer parte da equipe de um jornal que o Grupo RBS iria ser criado na cidade, o *Diário Catarinense*.

Depois de alguns meses, conheceu um publicitário e descobriu que existia uma carência de fotógrafos nessa área na cidade. Como havia feito um estágio num estúdio em Porto Alegre, arriscou abrir o próprio em Florianópolis, e deu certo. Durante muitos anos, Zé Paiva se dedicou à fotografia publicitária, chegando a fazer grandes campanhas nacionais. Na época, levava uma vida dupla: durante a semana era um fotógrafo de publicidade e nos finais de semana, fazia imagens de natureza como *hobby*. Acabou deixando a rotina de estúdio para abraçar a fotografia no ambiente natural.

Durante esse período também deu aulas de Fotografia na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) para o curso de Artes e na Fundação Universidade Regional, de Blumenau (SC), para o curso de Publicidade. Em 2010, teve seu trabalho selecionado como finalistas do renomado Prêmio Conrado Wessel e, em 2012, ganhou o Prêmio Marc Ferrez, da Funarte, pelo projeto *Iluminados-Personagens da Ilha de Santa Catarina*. Além dos projetos de livros e exposições, Zé Paiva licencia suas fotos através da Pulsar Imagens, vende imagens em *fine art* e organiza expedições fotográficas.

Fotos: Zé Paiva

Acima, uma guarajuba (à esq.), árvore que recebeu o título de Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri; e a furna do Pantâno do Sul (à dir.), no Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste

Fotos: Claudio Edinger

Retrato do ator e diretor Woody Allen feito em 1986 para a revista *Manchete* em Nova York

AULA DE 50 ANOS DE FOTOGRAFIA

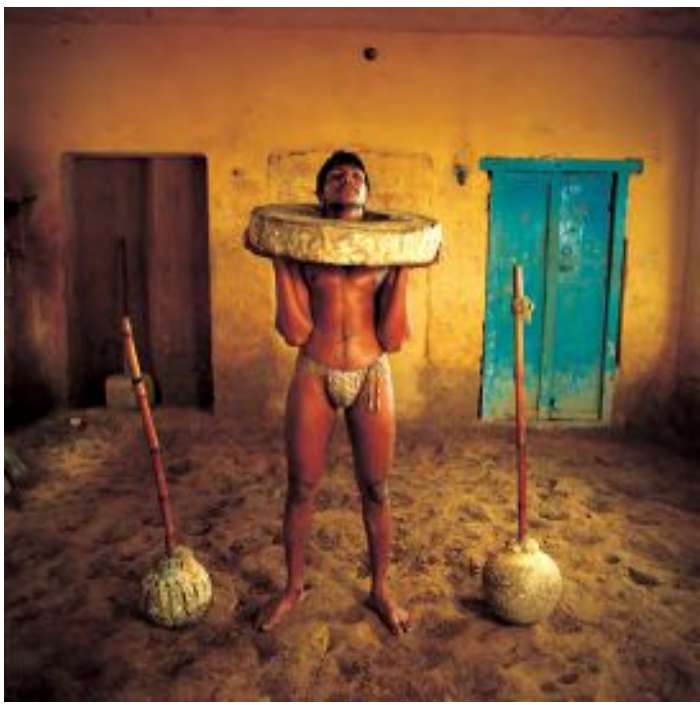
O mestre Claudio Edinger conta o que viu e fotografou em um livro espetacular de 338 páginas que acaba de ser lançado

POR **SÉRGIO BRANCO**

O novo livro de Claudio Edinger, que completou 72 anos em maio de 2024, é acima de tudo uma aula de quem vive e respira fotografia há 50 anos. *Coisa Que Eu Vi* tem 338 páginas que resumem a trajetória de um olhar que percorre o visor para captar, com a luz que atravessa a lente, os mais diversos temas com uma competência indubitável. No livro, é possível descobrir o jovem iniciante que explorou cenas no velho Edifício Martinelli, o imigrante que se aventurou em Nova York – primeiro como sonhador, depois artista, algum tempo paparazzo, até conseguir respeito pela qualidade do seu trabalho –, o correspondente de guerra, o andarilho espiritual que se aventurou na Índia, o investigador que mostrou as péssimas condições do maior manicômio da América Latina, o criativo que explorou a arte do foco seletivo... São muitas facetas de um Claudio Edinger magistral, mestre de um ofício.

Além das 306 fotos editadas, o livro exibe o lado literário do fotógrafo, com 19 textos, verdadeira crônicas, a elucidar a motivação de cada trabalho ali apresentado. Os textos seguem uma ordem cronológica que marcam a

Acima, retrato de uma cubana realizado em Havana em 1984; abaixo, uma das muitas imagens surpreendentes captadas na Índia, para onde Edinger viajou diversas vezes



Fotos: Claudio Edinger

Acima e ao lado, fotos do primeiro documentário feito por Edinger em Nova York entre 1976 e 1978 e que tinha como foco os judeus hassídicos

caminhada de Edinger ao longo desse meio século: Martinelli/1975, Os hassídicos do Brooklyn/1976,Chelsea Hotel/1978, A guerra em El Salvador/1983, Venice Beach/1984, Índia/1986, Ironweed/1987, Juqueri/1989/1990, Carnaval/1991/995, Habana Vieja, Cuba/1994/1996, Retratos/1986/2000, Nova York/1994/2000, Rio de Janeiro/2000/2003, São Paulo/2004/2007, Bom Jesus dos Milagres/2005/2012, Amazônia/2009/2020, Corupá, Timbó, Uribini e outras cidade de Santa Catarina/2012, Veneza, Paris, Los Angeles/2008/2011, Machina Mundi/2015/2023 e Quarentena na pandemia/2020/2021.

Vendo assim, nessa sequência de títulos e datas, pode parecer enfadonho. Mas está muito longe disso: há muitas histórias saborosas para degustação, aquelas informações dos bastidores que, quando bem encadeadas (o que é o caso), complementam as imagens de maneira perfeita. Ou seja, é um livro para ver e ler, observar e aprender. Poderia até se chamar com propriedade *Confesso que vivi*, caso om poeta chileno Pablo Neruda já não tivesse usada esse excelente título para sua autobiografia, lançada em 1974. Mas *Coisas Que Eu Vi* define muito bem o espírito da obra nessa conexão de imagem e texto. Curiosamente, há o subtítulo de "Memórias de Claudio Edinger" no livro e outro no material de divulgação da Editora

Vento Leste, a responsável pela publicação: "Os Caminhos Trilhados Até Aqui" – frase que não se encontra impressa no livro.

Edinger morou no lendário Chelsea Hotel em Nova York e lá fotografou muitos moradores (acima e abaixo) em um trabalho que lhe rendeu o prêmio de excelência da Leica em 1983

PAI JOÃO E PHILIPPE HALSMAN

Entre as histórias deliciosas que o fotógrafo conta, a que une a entidade Pai João, espírito de um preto velho, a Philippe Halsman (1906-1979), o grande fotógrafo letão radicado em Nova York, é das melhores. Mas como o texto não deixa muito claro como Pai João entrou na vida Claudio Edinger, ele esclarece que seu pai (de origem russa) e sua mãe (de origem alemã) frequentavam um centro de umbanda em São Paulo (SP).

Edinger não acreditava em nada daquilo: era *hippie*, na base de paz e amor e contra todas as religiões. "Só que eu tive gastrite e não contei nada pros velhos. Um dia meu pai vem e diz: 'que história é essa de gastrite?' Eu tomei um susto. 'Quem te contou?', perguntei. 'O Pai João. E ele quer falar com você', foi a resposta". Edinger ficou curioso, foi e se surpreendeu: "Putz, o cara contou minha vida toda, que eu ia morar fora muito tempo e até dos livros todos que eu ia fazer! Ele era sensacional! Falou pra eu parar de fumar, comer carne, tomar café senão ia ter uma úlcera. Parei e a minha vida mudou toda", afirma.

Tempos depois, em 1976, já morando em Nova York, recebeu um recado de Pai João: deveria procurar o homem na mesma cidade

Fotos: Claudio Edinger

Mulheres em mundos muito distintos pelas lentes de Edinger: em Venice Beach, Califórnia (no alto) e no manicômio de Juqueri (acima), ambos trabalhos premiados

de sua avó materna. Antes, sua mãe havia já o informado que um tal Philippe Halsman era de Riga, na Letônia (então parte da antiga União Soviética), cidade de seus ancestrais, e era primo de uma amiga dela, a escritora de livros infantis Tatiana Belinky, e que Edinger deveria procurá-lo. "Eu não me interessei na ocasião. Halsman era um grande retratista, com dezenas de capas na revista *Life*, mas eu não queria fazer retratos. Mas com aquele aviso do Pai João, resolvi procurá-lo", conta o fotógrafo.

Até então, Claudio Edinger havia iniciado um ensaio documental sobre os judeus hassídicos e morava no Brooklyn para ficar próximo dessa comunidade. Logo que chegou, levou seu trabalho sobre os moradores do Edifício Martinelli, realizado em 1975, para o Internacional Center of Photography (ICP) na tentativa de mostrá-lo a Cornell Capa, irmão do lendário Robert Capa, diretor e fundador desse museu e centro de estudos de fotografia. Pensava em repetir a sorte que teve quando apresentou o mesmo documentário para a fotógrafa Claudia Andujar, então diretora do Museu de Arte de São Paulo (Masp). Ela não

Ao lado, cena registrada em Calcutá em uma das viagens fotográficas e espirituais que o fotógrafo fez para a Índia

Abaixo, Bruna Lombardi e Vitor Belfort retratados por Edinger, que teve em Philippe Halsman seu grande mestre

só o ajudou a complementar o trabalho e a editá-lo como abriu as portas do Masp para a primeira exposição de Edinger – nesse ensaio, ele mostrava os moradores do Martinelli, ícone da arquitetura paulistana inaugurado em 1929 e que havia sido o edifício mais alto da América Latina, mas no início dos anos 1970, não passava de uma espécie de cortiço.

Nem recebido por Cornell Capa ele foi. Uma auxiliar do diretor, que não sabia onde ficava São Paulo, examinou seu trabalho desdém e ele saiu lá magoado, porém ciente de que estava em Nova York e que, segundo Pai João, ainda ia ficar bastante tempo por lá. Foi perambulando pela Big Apple que ele se deparou com judeus ortodoxos vestindo seus

A beleza natural da cidade do Rio de Janeiro, onde Edinger nasceu, com a técnica do foco seletivo

trajes pretos tradicionais e, a partir dali, teve a ideia começar a fotografá-los. Depois de vários perrengues narrados no livro, morando em apartamentos minúsculos e com pouca grana, Claudio Edinger viu vencer seu visto de seis meses como turista e, ao tentar renová-lo, o juiz do seu caso não deu a menor bola para suas fotos dos hassídicos e o deportou. Como eram outros tempos, ele foi para o Canadá e, de lá, conseguiu retornar como uma permissão para ficar mais quatro meses com a justificativa de que tinha que completar seu trabalho com os judeus do Brooklyn.

É nessa volta que a conexão espiritual e internacional entre Pai João, Edinger e Philippe Halsman se estabelece: ele finalmente procura o cara que nasceu na cidade de sua avó e que é primo da amiga de sua mãe. Halsman o recebe como se ele fosse alguém da família, avalia seu trabalho com os hassídicos e vai além: liga na hora para seu amigo Cornell Capa – que logo depois recebe Edinger no ICP –, liga também para o fotógrafo porto-riquenho Ben Fernandez, diretor da Parson's School of Design e solicita um trabalho para seu "primo" e, por fim, convida o brasileiro para um curso de 12 semanas em seu estúdio, "The Psychological Portrait". Edinger deu aulas na Parson's, conseguiu expor no ICP e, por ter estudado com Halsman – "um gênio da fotografia", diz ele – passou 15 anos ganhando a vida em Nova York fazendo retratos para revistas americanas. Ainda bem que ele atendeu ao recado de Pai João...

UMA NOVA VIDA

No curto espaço de tempo em que se tornaria amigo de Philippe Halsman (ele morreria em 1979, em 73 anos), Claudio

Edinger viu sua vida mudar radicalmente: deixou a comunidade judaica do Brooklyn depois de dois anos documentando-a, atravessou o Rio East e foi para Manhattan morar no famoso Chelsea Hotel – que gerou outro ensaio documental e um livro, ganhador da Medalha Leica de Excelência de 1983, um dos prêmios mais importantes da época, conquista que também mudou a carreira e a vida do brasileiro.

Conuto, antes de chegar a esse Olimpo da fotografia internacional, Edinger precisou da ajuda de amigos fotógrafos americanos para pagar as contas. Foi bater na porta da agência Gamma, uma das grandes na época, e lá descobriu que a única vaga que existia era de *paparazzo*. Rejeitou de primeira, mas logo depois topou ao descobrir que os *paparazzi* de Nova York não saíam perseguindo celebridades pelas ruas: eram convidados para eventos ou aparições de astros em locais determinados, pois como a cidade tinha muita agitação noturna, muitos adoravam aparecer na mídia. "Eu odiava fazer aquilo, pois não tinha nada a ver com meu interesse. Hoje sou grato, pois foi uma escola excelente para ter agilidade ao fotografar", comenta.

Depois, com o sucesso do livro *Chelsea Hotel*, publicado pela editora Abbeville Press, o brasileiro começou a fotografar para as principais revistas americanas e, com o tempo, foi desenvolvendo mais trabalhos que também chegavam às livrarias, caso de *Venice Beach*, lançado pela Abbeville em 1985, também ganhador do prêmio Medalha Leica de Excelência m no mesmo ano.

Em termos de equipamento, Claudio Edinger já usou câmeras de pequeno, médio e grande formato com filme P&B, colorido e pixels da era digital. Nos anos mais recentes, descobriu no drone um parceiro perfeito para sua técnica e criatividade, usando-o para lançar seus dois primeiros livros com a Editora Vento Leste, *Machina Mundi* e *Quarentena* – este, partindo de uma ideia genial de usar o aparelho para retratar remotamente as pessoas no

Fotos: Claudio Edinger

Acima, duas imagens do livro *Cityscapes*, que reúne imagens em P&B do cotidiano e da paisagem urbana de Nova York

No alto, retrato com uso de foco seletivo feito em Bom Jesus dos Milagres (AL); acima, grupo de foliões no Bloco da Lama, em Paraty (RJ), durante o Carnaval

isolamento compulsório em virtude da pandemia de covid-19.

Unindo drone a foco seletivo – que começou com câmera de grande formato e hoje é feito via software – Edinger encontrou um novo caminho para sua obra ao registrar paisagens, cenas do cotidiano e fazer retratos . Isso tudo pode ser conferido em *Coisas Que Eu Vi*, que, ao apresentar uma retrospectiva de uma produção variada, ressalta a versatilidade do fotógrafo com seu olhar camaleônico a vasculhar cenas da vida, de alto a baixo.

EM BUSCA DE UM LUGAR

Claudio Edinger voltou a morar novamente no Brasil 1996, depois de 20 anos em Nova York. Mas de tempos em tempos, visitava o País e por aqui também produzia, como nos anos de 1989 e 1990, quando fotografou os pacientes do Juqueri, então o maior manicômio para doentes mentais da América Latina – com esse trabalho, recebeu o celebrado Prêmio Ernst Haas. Em 1991, começou a fotografar o Carnaval em diferentes regiões do Brasil e, em 1994, foi para Cuba e produziu *Havana Vieja*, livro eleito um dos melhores do ano pela revista *American Photo*. Fixado no Brasil, fez mais uma porção de livros, como *Carnaval* (1996), *Loucura* (1997), Portraits (1999), *Cityscapes* (2001) e *Rio* (2003) – além de duas publicações encomendadas sobre as cidades de São Paulo (1999) e Vitória (2000).

Já a ideia do livro dos 50 anos de carreira foi surgindo aos poucos, explica Edinger. Graças às redes sociais (Facebook e Instragram), ele foi lembrando as histórias e fazendo textos para postá-las acompanhadas de imagens. Com o tempo, percebeu que reunia um bom número de relatos e

Fotos: Claudio Edinger

Drone e foco seletivo usados em duas situações: na Amazônia (acima), um novo tema para Edinger, e durante a pandemia (ao lado), em série que deu origem ao livro *Quarentena*

vislumbrou a obra impressa. "As redes sociais, bem utilizadas, se transformam em redes culturais. Isso é a revolução", comenta. A sua verve literária vem de longe, pois ele devora livros (romances, biografias e temas variados) desde a adolescência. Formado em Economia pelo Mackenzie em 1974, quase saiu no tapa com o pai quando disse que ia ser fotógrafo. "Depois, a gente se entendeu e ele apoiou, até com orgulho, o lado artista do filho", recorda Edinger.

Nas primeiras linhas do texto em que fala de seu primeiro ensaio documental, o do Edifício

Fotos: Claudio Edinger

Acima, a capa do livro com um autorretrato de Edinger nos anos 1970; ao lado, o fotógrafo em outro autorretrato mais atual comandando seu drone

Martinelli, em 1975, ele relata: "Há mais de cinquenta anos ando caçando minha identidade. Sou carioca, criado em São Paulo, educado em Nova York, filho de mãe russa e pai alemão, economista que fotografa e escreve, judeu cercado de amigos católicos, iogue que adora o budismo e os sufis... Nunca consegui encontrar meu lugar, e meu trabalho é essa busca inesgotável".

Para colocar mais tempero nessa personalidade complexa, Edinger faz meditação há 50 anos como adepto dos ensinamentos do guru indiano Paramahansa Yogananda (1893-1952) e sempre teve Pai João ao seu lado. Ao ser questionado sobre essa busca de identidade, ele comenta: "Desde a juventude, sei que somos todos muito mais que o corpo. Quem medita sente... São 27 trilhões de células que vão aos poucos se acendendo. Aí muda tudo! Meu mestre Yogananda chegou lá. Depois que ele morreu, em 1952, seu corpo ficou 21 dias sem se decompor. Minha identidade é essa, mas superficialmente passo a vida buscando, através da fotografia, nossas características múltiplas infinitas. É um grande barato isso".

SERVIÇO

O livro Coisas Que Eu Vi *(ISBN 978-85-68690-17-8) tem 338 páginas, com capa brochura de dobra dupla e tamanho 22 x 28 cm. Custa R$ 250. Mais informações:* **www.ventoleste.com**.

Os Gêmeos, Otávio e Gustavo Pandolfo, retratados com uma de suas obras para a série *Quarentena*

LIVROS QUE APRIMORAM SEU

Leve sua paixão a novos patamares com a

Fotografe DIGITAL

Fotografe
A revista que valoriza a fotografia brasileira
Paisagens com gelo
Os cuidados para fotografar em locais congelantes
Equipamentos
Novo disparador remoto e nova câmera mirrorless
Referências
Inspire-se em grandes imagens de concursos internacionais
PROJETO DOCUMENTAL
Aprenda com um trabalho sobre Grande Sertão: Veredas os detalhes de produção de imagens para um livro

ASSINE AGORA MESMO!

Todo o acervo com mais de 200 edições para você consultar. E uma nova edição a cada mês!

A nova revista Fotografe digital está disponível em todas as plataformas.

- 2 anos por 10 parcelas de R$ 29,00
  ou R$ 290,00 à vista

A NATUREZA
de Luiz Claudio Marigo

- Técnica
- Animais
- Meio Ambiente
- Estética

4 volumes
por R$ 110,00
ou 10X R$ 11,00

A Natureza de Luiz Claudio Marigo
TÉCN
A Natureza de Luiz Claudio Marigo
A Natureza de Luiz Claudio Marigo
MEIO AMBIENTE
A Natureza de Luiz Claudio Marigo
ESTÉTICA

OLHAR E TÉCNICA FOTOGRÁFICA.

ENCICLOPÉDIA VISUAL DE POSES

Um guia completo que ilustra como capturar a essência de seus temas.

3 livros por R$ 149,90
ou 12X R$ 12,50

POSES INSPIRADORAS NU E SENSUAL

Uma celebração da expressão artística e da forma humana, oferecendo um olhar profundo.

3 livros por R$ 119,90
ou 6X R$ 19,98

FOTOGRAFIA DE CASAMENTO

Fotos inspiradoras e dezenas de dicas valiosas de profissionais renomados.

5 livros por R$ 130,00
ou 12X R$ 10,83

LIÇÕES DE FOTOGRAFIA

TEMPORADA 1 E 2

- Preto & Branco
- Uso da Cor
- Segredos do Foco
- Como Usar o Drone
- Domine a Exposição
- Paisagem Noturna
- Retrato
- Técnica para Paisagem
- Os Caminhos da Criatividade
- Com o Foco em Esportes
- O Trabalho Documental
- O Desafio do Estúdio

Doze temas fundamentais para quem busca evoluir como fotógrafo.

12 volumes

De ~~R$ 660,00~~ por R$ 300,00 ou 10X R$ 30,00

*Preços válidos até 30 de junho de 2024. Sujeito à disponibilidade de estoque. Reservamos o direito de corrigir eventuais erros de divulgação nesta edição. Parcelamento no cartão de crédito.

(11) 3038-5050
(11) 95186-4134
WWW.EUROPANET.COM.BR

EDITORA EUROPA

Fotos: Divulgação

LIGHTROOM COM MAIS IA

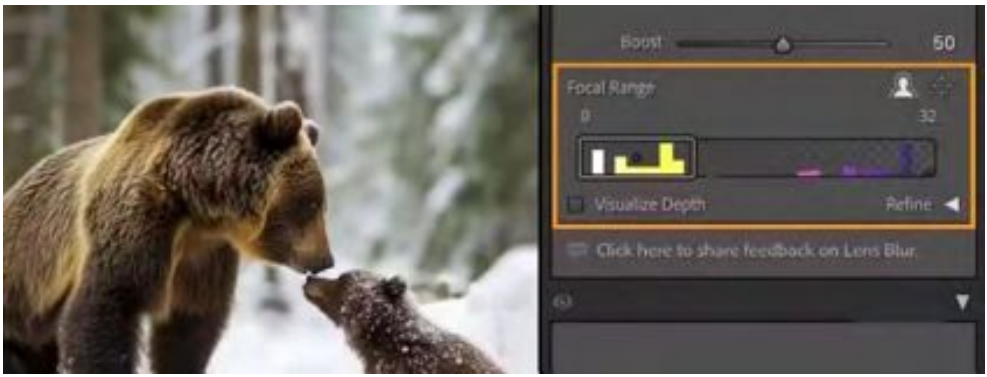
Recursos de remoção de objetos e desfoque de fundo via inteligência artificial são das novidades na atualização

O Adobe Lightroom, programa de edição de imagens mais usado por fotógrafos, ganhou uma atualização em 2024 e está oferecendo ainda mais ferramentas de inteligência artificial (IA) com tecnologia Firefly, como o Generative Remove e o Lens Blur. A remoção generativa, por exemplo, permite que o fotógrafo remova objetos indesejados de qualquer foto de forma totalmente não destrutiva e de forma bem simples: basta pintar o objeto que deseja remover (ou os objetos). O que foi pintado é removido com um clique e a cena, refeita sem deixar pistas visíveis de que foi manipulada.

Acima, a imagem original antes da aplicação do Generative Remove (à esq.) e ela já com a exclusão da pessoa no fundo depois de aplicado o novo recurso

É um recurso diferente das funções de retoques existentes, mais adequadas para objetos pequenos, como manchas de poeira e outras pequenas interferências na imagem. O Generative Remove foi projetado para fazer bem mais, como retirar uma pessoa inteira do plano de fundo ou fazer remoções complexas. Assim, quando o fotógrafo usa a remoção generativa, o Lightroom oferece três variantes potenciais, cada uma com um toque ligeiramente diferente com tecnologia de IA.

Embora seja mais fácil pensar em "IA generativa" em termos de adicionar algo a uma cena, também faz sentido a remoção, pois para fazê-lo de forma convincente, novos pixels devem ser produzidos para



O fotógrafo pode controlar o efeito de desfoque de fundo com o recurso Lens Blur, que cria um mapa de profundidade tridimensional via IA na imagem

substituir o que é retirado do quadro. Nesse sentido, como ocorre com qualquer IA generativa, os fotógrafos podem ter opiniões diferentes sobre a sua utilização, o que é bastante razoável. Para quem ficou curioso, já está possível testar as novidades todas as versões do Adobe Lightroom como um recurso de "acesso antecipado" – a Adobe deseja receber comentários dos primeiros usuários.

AI LENS BLUR OFICIAL

A Adobe também introduziu o Lens Blur com tecnologia de IA como uma ferramenta de acesso antecipado em 2023. Com a atualização atual do ecossistema Lightroom, ele está finalmente disponível para todos. O recurso Lens Blur usa inteligência artificial para criar um mapa de profundidade tridimensional de uma imagem bidimensional. Se um arquivo de imagem já tiver dados de mapa de profundidade anexados, como uma foto no modo retrato de um iPhone, o Lens Blur poderá usá-lo; caso contrário, cria um mapa do zero.

O fotógrafo pode visualizar esse mapa de profundidade e ajustá-lo conforme achar adequado, inclusive com controle manual sobre objetos específicos em uma cena. É possível também alterar a "aparência" e a intensidade do desfoque da lente virtual, incluindo a escolha entre realces especulares circulares e poligonais. E, assim como no Generative Remove, o Lens Blur não é destrutivo, o que significa que o fotógrafo pode ajustá-lo ou desativá-lo posteriormente na edição. Além disso, as novas predefinições permitem que se obtenha uma aparência específica de forma rápida e fácil.

VEM AÍ CANON EOS R1

A marca japonesa prepara o terreno para lançar o modelo em 2024 como uma câmera revolucionária

Com lançamento previsto ainda para 2024 (talvez em setembro), a Canon finalmente revelou que está desenvolvendo o modelo EOS R1, uma câmera mirrorless de sensor full frame que será o topo de linha do Sistema EOS R, equipado com a montagem RF. Com isso, mesmo sem ter anunciado oficialmente, deixa claro que a era das DSLRs da marca acabou mesmo, como já previsto há alguns anos por Fotografe. Já estão sendo realizados testes de campo com a EOS R1 para avaliar sua performance em eventos esportivos internacionais, o que deve também ocorrer durantes os Jogos Olímpicos de Paris, em julho.

A EOS R1 está sendo projetada para oferecer o que há de mais avançada em tecnologia desenvolvida pela Canon. Combinando alto desempenho com durabilidade e confiabilidade, o modelo deverá melhorar drasticamente o desempenho na captura de imagens estáticas e vídeos em comparação com a atual topo de linha, a R3, lançada em 2021. A nova câmera, por exemplo, contará com o recém-desenvolvido processador de imagem DIGIC Accelerator, complementado pelo já existente DIGIC X. O novo sistema de processamento, atuando em

Fotos: Divulgação

Os rumores do lançamento da R1 vêm desde 2021 e só agora há uma confirmação oficial da Canon

A R1 terá sensor *full frame*, mas a resolução ainda é um mistério; ela será o modelo topo de linha da marca

Abaixo, a EOS R3, câmera *mirrorless* bastante avançada em tecnologia: a R1 deve superá-la em vários aspectos

conjunto com um novo sensor CMOS de última geração, permitirá o processamento de grandes volumes de dados em alta velocidade, trazendo avanços significativos em foco automático (AF) e outras funcionalidades, informa a Canon.

Ao combinar o novo sistema de processamento e a tecnologia de aprendizagem profunda (deep learning) em um nível avançado, as R1 deverá alcançar um reconhecimento de assuntos com velocidade e precisão muito acima dos atuais padrões. No caso de eventos esportivos coletivos, em que vários objetos podem se cruzar, a precisão no rastreamento será aprimorada, garantindo que o assunto principal permaneça em foco mesmo em situações complexas. Para isso, uma das novidades é a função AF "Action Priority", que reconhece o movimento do assunto analisando rapidamente o estado dele. Nos momentos de uma competição em que é difícil prever o que acontecerá a seguir, essa função determinará automaticamente o atleta que executa certa ação – tendo "chutar uma bola" como tema principal, por exemplo, há uma mudança instantânea do quadro AF, ajudando assim o fotógrafo a capturar os momentos decisivos.

Além disso, o sistema de processamento e a tecnologia de deep learning deverão contribuir para a melhoria da qualidade da imagem. A Canon incorporou a função de redução de ruído de imagem, anteriormente disponível apenas como parte do software para PCs, diretamente na câmera, aprimorando ainda mais a qualidade da imagem e expandindo as possibilidades criativas do usuário. A meta com a R1 é atender aos mais rigorosos padrões de profissionais das áreas de esportes, fotojornalismo e produção de vídeo.

Fotos: Divulgação

A nova GFX 100S II chega ao mercado americano com preço sugerido de US$ 4.999

FUJIFILM APRESENTA A 100S II

A nova mirrorless de médio formato da linha GFX chega ao mercado com várias melhorias

A Fujifilm anunciou o GFX 100S II, uma nova versão da sua *mirrorless* de médio formato mais barata da linha GFX. Ela vem com visor melhorado, autofoco com sistema de reconhecimento de assunto, modo de alta resolução com deslocamento de pixel, ferramentas aprimoradas de captura de vídeo e estabilização de imagem mais avançada. A nova câmera estará nos disponível Estados Unidos a partir de junho de 2024 com preço de US$ 4.999,95.

A Fujifilm informa o sensor (tamanho de 44x 33 mm e resolução de 102 megapixels) não é mesmo que equipa a GFX 100II, que tem um chip mais rápido e mais caro, mas ainda é capaz de disparar na sequência de até 7 fotos por segundo do versão S II, em comparação com as 5fps da sua antecessora. A estabilização de imagem agora oferece 8EV de correção em vez dos 6EV da 100S original.

E, embora não tenha o visor removível de 9,44 milhões de pontos da GFX 100II, o novo modelo ganhou um visor de 5,76 milhões de pontos, grande melhoria em relação ao painel de 3,69 milhões da antecessora. O visor também é maior, com ampliação de 0,84x, em vez de 0,77x na versão anterior. Ele também atualiza mais rápido e pode operar em até 120 Hz.

Comparada com o GFX 100II, mais cara, ele tem um visor inferior nem a capacidade

A 100S II tem sensor de 102 MP com tamanho de 33 x 44 mm; o monitor traseiro é móvel

de removê-lo e montá-lo em um suporte articulado. Ele também usa uma bateria menor e cartões SD, não oferece porta Ethernet nem soquete HDMI de tamanho normal. Também tem conexão para um punho com bateria ou uma unidade de ventilador. Em troca, é cerca de US$ 2.500 mais barata.

NOVA LENTE

Para a nova 100S II e as demais câmeras da linha GFX, a Fujifilm anunciou a supertele GF 500 mm f/5.6 R LM OIS WR, relativamente leve e compacta para ser usada em câmera médio formato. Ela oferece um ângulo de visão equivalente a 396 mm para um sensor de 44 x 33 mm, tendo 247 mm de comprimento e pesando 1, 37 kg. A supertele oferece estabilização de imagem integrada capaz de fornecer até 6 EV de correção. O preço no mercado americano é de US$ 3.499.

O design da lente é baseado em 21 elementos divididos em 4 grupos, incluindo 5 elementos de dispersão extrabaixa (ED) e 2 elementos Super ED. Ela pode ser usado em conjunto com o teleconversor 1.4x da Fuji para fornecer um ângulo de visão de 700 mm (equivalente 554 mm) com abertura máxima f/8.

A supertele Fujinon GF 500 mm f/5.6 foi criada visando as câmeras de médio formato da série GFX

Fotos: Divulgação

SONY ANUNCIA 16-25 MM F/2.8

A nova zoom grande angular da linha FE chega para fazer par com a 24-50 mm f/2.8

A Sony anunciou lente a FE 16-25 mm f/2.8 G, uma zoom grande angular luminosa e compacta projetada como complemento da recente 24-50 mm f/2.8 – ambas tem aproximadamente as mesmas dimensões oferecem essencialmente os mesmos recursos. A 16-25 mm estará disponível a partir de 10 de maio de 2024 nos Estados Unidos pelo preço sugerido de US$ 1.199.

O design é fabricada com 16 elementos distribuídos em 13 grupos, incluindo três elementos de dispersão extrabaixa para controlar a aberração cromática e quatro elementos asféricos (um dos quais é ED). O desempenho óptico é melhor do que a GM original de 16-35 mm e não fica muito atrás do GM II mais recente, segundo a própria Sony.

A 16-25 mm usa motores lineares duplos para impulsionar seu design de foco interno e não requer a potência adicional dos motores lineares XD da Sony – assim, é totalmente compatível com os modos 120 fps da câmera topo de linha a9 III. Ela tem distância mínima de foco de 17 cm quando na posição de 16 mm ou 22 cm na posição de 25 mm com o foco manual. Esses números aumentam para 18 cm e 24 cm com o autofoco.

A nova lente zoom grande angular é vendida nos EUA por US$ 1.199, um preço atraente

Assim como a 24-50 mm, a nova lente conta com um anel de abertura com chave para ativar ou desativar os cliques entre as posições. Fora isso, há uma chave MF/AF e um botão de retenção de foco personalizável na lateral. Ela também é compatível com o recurso IS Dinâmico da Sony, que depende da ampla comunicação de dados do giroscópio entre a lente e a câmera.

FAZEMOS A MANUTENÇÃO DA SUA CAMERA

Limpeza de CCD

Limpeza externa

Atualização do Firmware da camera

Atendimento de Segunda a Sexta das 9h às 18h

Sua conexão com o

MUNDO DA FOTOGRAFIA

Nikon · Canon · Leica · Hasselblad · Mamiya · Sony · Pentax · Zeiss

Compra • Venda • Troca • Conserto • Máquinas
Objetivas • Acessórios • Analógicos e Digitais

Fotoglobal

www.fotoglobal.com.br · fotoglobal@gmail.com · fotoglobal

(11) 3037-7070 · (11) 3815-9000

Av. Pedroso de Morais, 333 – Pinheiros – São Paulo – SP

UM DOS LANÇAMENTOS MAIS ESPERADOS

DO ANO NA **RAITAI TECNOLOGIA**

X100VI

One and Only ™

FUJIFILM
Value from Innovation

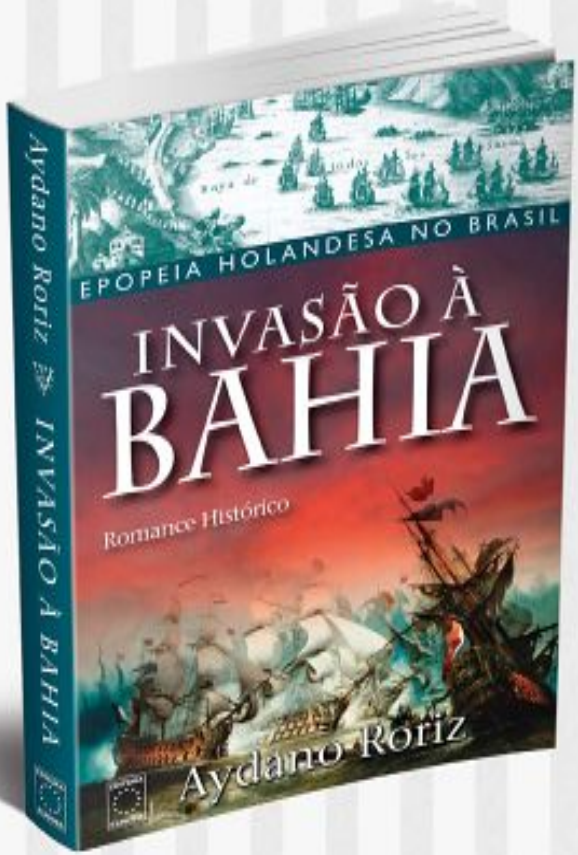
raitai.com.br

61 99115-8450 | 61 3563-1294 @raitaitecnologia /raitaitecnologia

PRODUTO ORIGINAL FUJIFILM

Acesse nossa loja virtual e confira os preços e novidades de toda linha X Series da Fujifilm. Todos os produtos são novos, originais e possuem garantia Fujifilm do Brasil.

Livros que dão cor e vida aos personagens da história.



ROMANCES HISTÓRICOS DE AYDANO RORIZ

Você vai se encantar em descobrir detalhes e bastidores que os livros tradicionais não revelam.

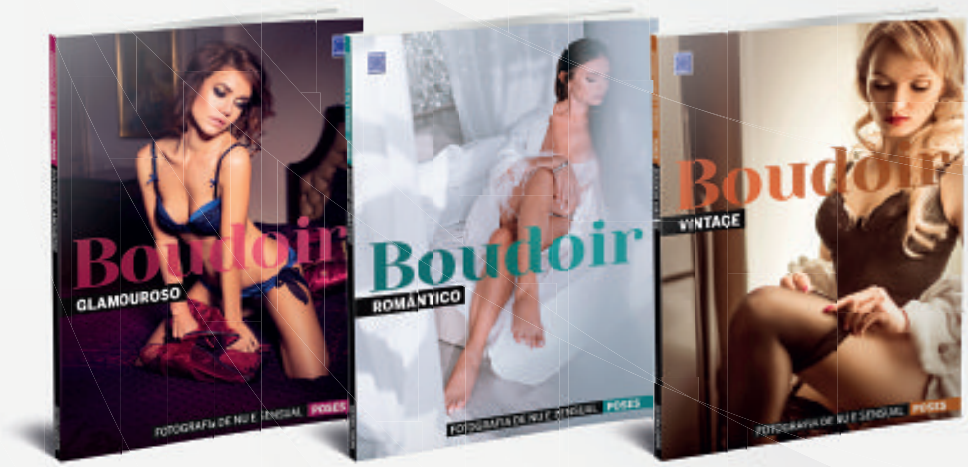
A invasão holandesa à Bahia pela Companhia das Índias Ocidentais. Por que vieram de tão longe para se apossar da pacata Salvador? Um vívido retrato de uma das primeiras multinacionais já no século 17.

Compre pelos telefones (11) **3038-5050** e WhatsApp (11) **95186-4134** ou acesse **www.europanet.com.br**

EDITORA EUROPA

Fotografia de Intimidade: Seis visões de Boudoir.

Boudoir Clássico | Boudoir de Fine Art | Boudoir Escuro e Ousado



Boudoir Glamouroso | Boudoir Romântico | Boudoir Vintage

Uma coleção para você aprender e apreciar tudo sobre o Boudoir, um gênero fotográfico inspirado nos quartos de vestir ("boudoir" em francês significa "sala de vestir"). São cerca de 50 fotos por volume que mostram como capturar o erotismo e toda a beleza da intimidade.

**Preços válidos até 30 de junho de 2024. Sujeito à disponibilidade de estoque. Reservamos o direito de corrigir eventuais erros de divulgação nesta edição. Parcelamento no cartão de crédito.*

De R$ ~~330,00~~
por R$ 240,00 ou 12X R$ 20,00

Nu e sensualidade com muito bom gosto.

Veja como os grandes profissionais fotografam a beleza do corpo com muito charme, sofisticação e técnica. Aprenda também como fazer a direção com respeito e deixar modelos bem à vontade para a máxima qualidade das fotos.

Temporada 1

- Guilherme Lechat
- Brasilio Wille
- Tallyton Alves
- Douglas Pinheiro
- Junior Luz
- Vildnei Andrade

Temporada 2

- Magda Pinheiro
- Mario Laine
- Leo Cordeiro
- Fabio Hashimoto
- Dorival Zucatto
- Fabricio Garcia

Completas. Compre e receba todos os volumes de uma vez.

Formato: 16 cm x 23 cm
52 páginas cada livro

Temporada 3

Assine e receba em casa um volume a cada dois meses.

Andrea Elkind | Fernando de Santis | Jo Tavares | Lud Lower | Pedro Nossol | Ricardo Zanetta

Todos os livros impressos em papel especial com qualidade fotográfica.

18 volumes
De R$ ~~990,00~~
por R$ 500,00
ou 10X R$ 50,00

(11) 3038-5050
(11) 95186-4134
WWW.EUROPANET.COM.BR

EDITORA EUROPA

ENTRE PARA A TURMA DO 3 PALAVRINHAS

Uma coleção incrível de história em quadrinhos com lições de fé, amor e amizade para você se divertir colorindo!

- 20,2 cm x 26,6 cm
- Capa cartonada

- Um volume por mês
- 20 páginas por volume

(11) 3038-5050
(11) 95186-4134
WWW.EUROPANET.COM.BR

EDITORA EUROPA

Fotografia de Casamento

A coleção *Fotografia de Casamento* tem cinco volumes, um total de 250 fotos inspiradoras e dezenas de dicas valiosas de profissionais renomados do segmento: **Daniel Ribeiro**, **Guilherme Bastian**, **Isis Lacombe**, **Marcell Compan** e **Roberta Paiva**.

5 volumes | 52 páginas cada
Formato: 16 x 23 cm

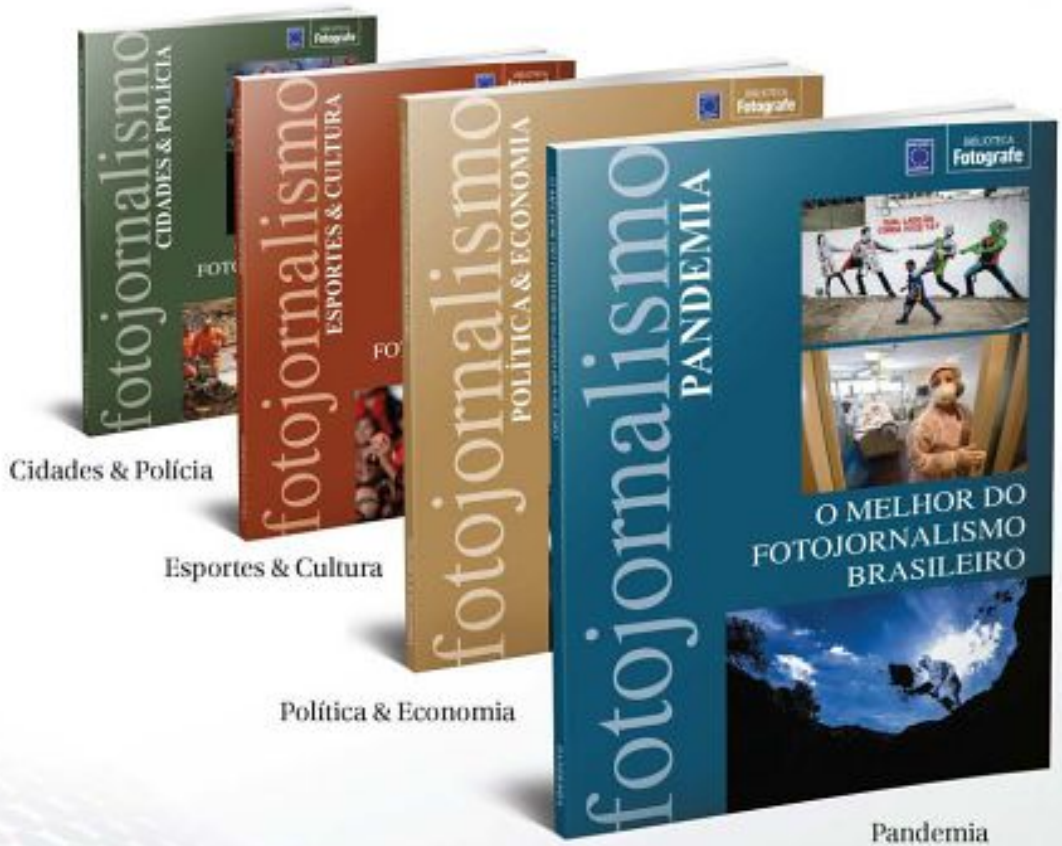
ASSINE!
Receba os exemplares conforme ficam prontos.

(11) 3038-5050
(11) 95186-4134
WWW.EUROPANET.COM.BR

EDITORA EUROPA

A BELEZA CHOCANTE DO MELHOR DO FOTOJORNALISMO.

Aprenda com o olhar dos grandes fotojornalistas brasileiros que tiveram a coragem de documentar os fatos que marcaram 2019/2020. Uma coleção temática em quatro volumes.



Formato de 16x23 cm, 52 páginas cada um, 4 volumes, capa cartonada e miolo papel couché de qualidade fotográfica. As fotos ficam sensacionais.

Compre pelo telefone (11) 3038-5050 (SP) e WhatsApp (11) 95186-4134, ou acesse www.europanet.com.br

EDITORA EUROPA

Gêneros da Fotografia

A coleção Gêneros da Fotografia se propõe a apresentar de forma objetiva fotógrafos que estão entre as principais referências históricas. Um gênero para cada volume, ilustrado com os trabalhos de 10 profissionais brasileiros.

Documental Retrato Cena de Rua Fotojornalismo

Nu Artístico Paisagem Natureza Experimental

8 Volumes - Formato: 16cm x 23cm - 48 páginas - Frete cortesia.

EDITORA EUROPA

(11) 3038-5050
(11) 95186-4134
WWW.EUROPANET.COM.BR

GRANDES FOTÓGRAFOS BRASILEIROS

Em cada volume um perfil biográfico e o portfólio de um grande fotógrafo brasileiro na ativa para você conhecer e se inspirar.

ASSINE JÁ
e receba a coleção completa com 12 volumes.

Formato: 16x23 cm,
50 páginas, capa cartonada
e miolo papel couché de
qualidade fotográfica.
As fotos ficam sensacionais.

(11) 3038-5050
(11) 95186-4134
WWW.EUROPANET.COM.BR

EDITORA EUROPA

O CURSO PERFEITO PARA VOCÊ DOMINAR AS LENTES FOTOGRÁFICAS.

São quatro volumes para você entender como elas funcionam e obter o melhor resultado com cada uma delas. Tudo com exemplos muito didáticos para você aperfeiçoar seus conhecimentos e fazer fotos perfeitas.

Grande Angular

Macro e Especiais

Normal e Meia-Tele

Teleobjetiva

ASSINE E RECEBA UMA EDIÇÃO A CADA 2 MESES

(11) 3038-5050

(11) 95186-4134

WWW.EUROPANET.COM.BR

EDITORA EUROPA

Conheça, assine e aprenda com as Lições de Mestres.

Temporada 1

COMPRE JÁ!
Receba a coleção completa com 6 volumes.

- Preto & Branco
- Uso da Cor
- Segredos do Foco
- Como Usar o Drone
- Domine a Exposição
- Paisagem Noturna

São seis volumes que reúnem as melhores matérias publicadas pela revista Fotografe sobre os assuntos abordados, com muitas dicas de fotógrafos renomados e informações técnicas em linguagem direta e acessível.

Temporada 2

ASSINE!
Receba os exemplares conforme ficam prontos.

- A Arte do Retrato
- Técnica para Paisagem
- Os Caminhos da Criatividade
- Com o Foco em Esportes
- O Trabalho Documental
- O Desafio do Estúdio

A Coleção Lições de Fotografia apresenta mais seis temas fundamentais para quem busca evoluir como fotógrafo.

Formato: 16cm x 23cm
52 páginas cada volume

(11) 3038-5050
(11) 95186-4134
WWW.EUROPANET.COM.BR

EDITORA EUROPA

Mestres da Fotografia

Apresentados por Juan Esteves

O livro Mestres da Fotografia - Apresentados por Juan Esteves faz parte das comemorações dos 25 anos da revista Fotografe, e tem como objetivo trazer informação de qualidade para ampliar sua cultura fotográfica. Fotógrafo, curador, crítico e professor de fotografia, Juan Esteves entrevistou alguns dos mais renomados fotógrafos estrangeiros que vieram ao Brasil entre 2004 e 2019 e produziu textos sobre mestres já falecidos, que deixaram uma imensa obra, como Henri Cartier-Bresson, Ansel Adams e Irving Penn, entre outros. Leia e aprenda com Juan Esteves.

Compre pelo telefone (11) **3038-5050** e WhatsApp (11) **95186-4134** ou acesse o site **www.europanet.com.br**

EDITORA EUROPA

Nu e sensualidade com muito bom gosto.

Veja como os grandes profissionais fotografam a beleza do corpo com muito charme, sofisticação e técnica. Aprenda também como fazer a direção com respeito e deixar modelos bem à vontade para a máxima qualidade das fotos.

Temporada 1

Completas. Compre e receba todos os volumes de uma vez.

- Guilherme Lechat
- Brasilio Wille
- Tallyton Alves
- Douglas Pinheiro
- Junior Luz
- Vildnei Andrade

Temporada 2

Completas. Compre e receba todos os volumes de uma vez.

- Magda Pinheiro
- Mario Laine
- Leo Cordeiro
- Fabio Hashimoto
- Dorival Zucatto
- Fabricio Garcia

Temporada 3

Assine e receba em casa um volume a cada dois meses.

Andrea Elkind | Fernando de Santis | Jo Tavares | Lud Lower | Pedro Nossol | Ricardo Zanetta

Todos os livros impressos em papel especial com qualidade fotográfica.

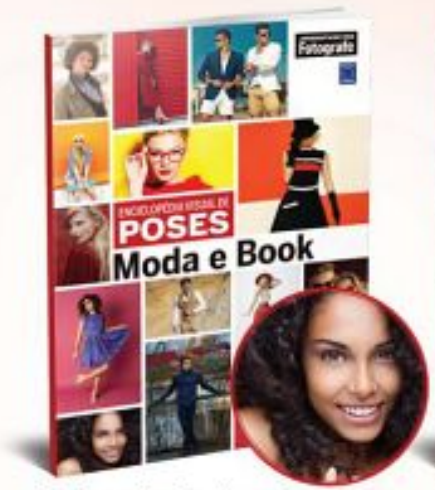
Formato: 16 cm x 23 cm
52 páginas cada livro

(11) 3038-5050
(11) 95186-4134
WWW.EUROPANET.COM.BR

EDITORA EUROPA

ENCICLOPÉDIA VISUAL DE POSES

Um guia completo para obter resultados profissionais.



Moda e Book – Inspire-se em poses dinâmicas e conheça as sutilezas das expressões faciais.

Pets – Dicas práticas para obter as melhores imagens dos bichinhos nas mais diversas situações.

Retratos Pessoais e Corporativos – Em tempos de redes sociais, capture a melhor imagem de acordo com o objetivo pretendido.

Os três volumes mostram, além das poses, técnicas e iluminação, como elevar a qualidade das suas fotografias a um novo patamar.

(11) 3038-5050

(11) 95186-4134

WWW.EUROPANET.COM.BR

EDITORA EUROPA

LEIA E COMECE DO JEITO CERTO NA FOTOGRAFIA.

A coleção **Primeiros Cliques na Fotografia** ensina os pontos essenciais para o domínio da técnica fotográfica na teoria e na prática. Você vai se surpreender com os resultados.

Formato: 16cm x 23cm e 52 páginas cada volume.

EDITORA EUROPA

(11) 3038-5050
(11) 95186-4134
WWW.EUROPANET.COM.BR

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!